

Temer diz que sem aliança PMDB vai encolher

Presidente da Câmara vê risco de humilhação com candidato que obtenha de 2% a 3% dos votos

SILVIO BRESSAN

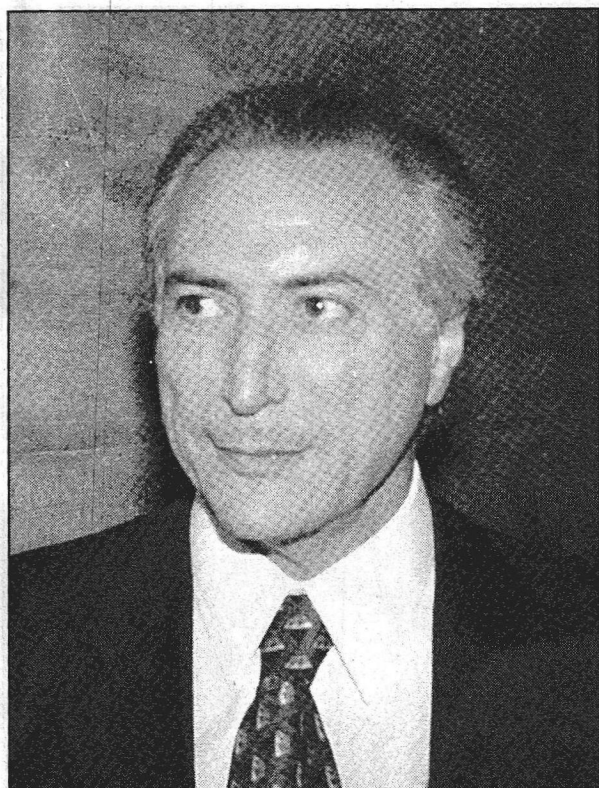
A decisão por candidatura própria à Presidência pode custar ao PMDB vários governos estaduais e a diminuição da bancada no Congresso. Essa é a avaliação do presidente da Câmara, Michel Temer (SP), que defende o apoio à reeleição do presidente Fernando Henrique Cardoso. Para Temer, a convenção de 8 de março será uma das mais importantes na história do partido. "Estamos em uma situação delicada", admite nesta entrevista ao **Estado**. "O partido apóia o governo, está no governo, mas uma banda quer candidato próprio."

Sem aliança, Temer acha que o candidato próprio pode repetir a votação pífia de Ulisses Guimarães em 1989 e Orestes Quéricia em 1994. "Um candidato com 2% ou 3% será humilhante para o partido", adverte. Além disso, observa, o partido perderia a chance de fazer metade dos governadores da Federação. "Sem aliança, o governo vai entrar para ganhar em alguns Estados."

Estado – Desta vez, o PMDB vai rachar mesmo?

Michel Temer – Não, o partido já está acostumado a isso. Haverá feridas iniciais, que serão curadas logo em seguida. Até porque mesmo os adeptos a candidatura própria têm afirmado que, seja qual for a decisão do partido, caminharão juntos.

Estado – O senhor acredita mesmo que o partido todo segui-



Ed Ferreira/AE-27/1/98

Temer: "O fundamental é o PMDB ter uma cara só"



DEPUTADO VÊ
CHANCE DE
VITÓRIA EM 13
OU 14 ESTADOS

rá em uma só direção?

Temer – O fundamental é que o PMDB decida. Estamos em uma situação delicada. O partido resolveu apoiar o governo oficialmente, tem ministros no governo e quase a totalidade da bancada apóia as teses do governo. No entanto, há uma banda do partido que

critica o governo. Ora, isso precisa ser decidido: ou você tem um candidato ou você faz aliança.

Estado – E a aliança é o melhor caminho?

Temer – Tanto uma banda quanto a outra querem o engrandecimento do partido. Quem defende o

apoio à reeleição quer fazer uma aliança para ganhar as eleições. E ganhar as eleições impondo uma parte do seu ideário. Em segundo lugar, fazer acordos regionais. Temos chance de fazer de 10 a 14 governadores e uma grande bancada na Câmara. E eu pergunto: o PMDB ficaria fraco se fizesse de 10 a 14 governadores? Ou se ganhar as eleições presidenciais? Porque está visto que, se tiver o apoio do PMDB, Fernando Henrique talvez ganhe no pri-

meiro turno. Será que o PMDB ficará fraco por causa disso?

Estado – Do contrário, o PMDB ficará fraco com candidato próprio?

Temer – Do contrário poderemos, de novo, ter de entrar pela porta dos fundos do governo. E isso é muito ruim. Se nós tivéssemos realmente uma candidatura extremamente viável, tudo bem. Ninguém quer fazer aliança só por fazer aliança. É um jogo político para garantir que façamos quase a metade da Federação de governadores, que tenhamos uma grande bancada. Com a aliança, podemos pular de 86 para mais de 100 deputados. Sem aliança, a bancada vai diminuir.

Estado – Por isso, a maioria da bancada apoiou a reeleição?

Temer – Se tivéssemos jogado contra a reeleição não teríamos, por exemplo, a presidência da Câmara. E aí quem estaria falando do PMDB

hoje? Ninguém. Então, o nosso objetivo é fortalecer o PMDB. Depois em 2002 vamos ver se temos chance para disputar. Por enquanto, convém reservar os espaços que temos.

Estado – O PMDB espera pelo apoio de Fernando Henrique em alguns Estados?

Temer – Não. É mais pelo que ele deixa de atrapalhar do que pelo que possa colaborar. Sem o PMDB na aliança, o governo vai entrar para ganhar em alguns Estados. Com a aliança, faremos ajustes para que o presidente e o governo não interfiram. Já conversamos com o presidente sobre isso.

Estado – Em quais Estados a neutralidade pode ajudar?

Temer – Temos boas chances em 13 ou 14 Estados. Mas em alguns, como Pernambuco, Pará e Minas Gerais, se o PMDB não fizer aliança o

governo pode entrar na disputa.

Estado – Os pré-candidatos do PMDB não empolgam o partido?

Temer – Se houver a decisão por candidatura própria, eu farei uma opção e até campanha para que ele seja o candidato. Não vou antecipar, mas entre eles acho que só há um com chances.

Estado – E o que impede que não se repita 1989 e 1994, quando o candidato fracassou?

Temer – Vai depender da habilidade dos líderes do PMDB. É importante que não haja agressões verbais, como já houve muitas vezes. Tem de ser levada num nível alto para depois curar as feridas. Mas um candidato com 2% ou 3% será humilhante para o partido. O fundamental é que o PMDB tenha uma cara só. E com a aliança será mais fácil.

Estado – Nesse caso, que fazer

com o ex-governador Orestes Quéricia, um candidato de oposição no maior Estado do País?

Temer – Acho que o Quéricia devia atualizar a campanha. O que ele vai dizer? Que o Real é ruim? Não dá. Dizer que há desemprego? Fernando Henrique já está dizendo que essa é uma preocupação constante. O que ele vai ter de fazer? Comparar as obras do Maluf com as dele.

Estado – Como está a contabilidade dos votos? Parece que gaúchos e paraibanos podem mudar e apoiar a candidatura própria.

Temer – No Rio Grande do Sul, há três ou quatro, no máximo, que votarão contra. Na Paraíba vai depender muito do senador Ronaldo Cunha Lima. Nas contas feitas com base nas informações de governadores e representantes nos Estados, a tese da aliança é vencedora.